

**SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
07 a 10 de agosto de 2023**

**ESQUISTOSSOMOSE MANSONI EM ÁREAS DE BAIXA ENDEMICIDADE:
DIAGNÓSTICO EM SERES HUMANOS E FATORES DE RISCO**

Maria Wilma da Silva LIMA¹, Luzia Kelly da Silva NUNES¹, Welleson Sousa da SILVA¹, Ednelma Dias SANTOS¹, Ádrian Cabral SILVA¹, Letícia Pereira BEZERRA², Rosália Elen Santos RAMOS³, Israel Gomes de Amorim SANTOS⁴.

¹Aluno(a) do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Alagoas, Campus II; ²Departamento de Parasitologia, Instituto Aggeu Magalhães/FIOCRUZ, Recife, Pernambuco, Brasil; ³ Centro de Ciências Médicas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil; ⁴ Professor(a) orientador(a), do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Alagoas, Campus II, e-mail: israel.santos@uneal.edu.br

E-mail do autor correspondente: maria.lima6@alunos.uneal.edu.br

RESUMO A esquistossomose mansoni é uma doença tropical negligenciada que afeta cerca de 1,5 milhão de pessoas no Brasil. Sua transmissão está diretamente relacionada a fatores biológicos, demográficos, socioeconômicos, políticos, culturais e ambientais. Assim, o objetivo desse estudo foi verificar os aspectos epidemiológicos da esquistossomose mansoni em um município de baixa endemicidade do estado de Alagoas. Para isso, realizamos um estudo do tipo transversal no município de Feira Grande, selecionando quatro localidades recomendadas pelos técnicos do Programa de Controle da Esquistossomose. Solicitamos uma amostra de material fecal de cada indivíduo para análise através do método de Kato-Katz, e convidamos os participantes da pesquisa a responder um questionário investigativo semi-estruturado para coleta de informações sobre fatores sociodemográficos, fatores de infraestrutura do domicílio e peridomicílio e fatores de atividades laborais e de lazer. Participaram desta pesquisa 364 indivíduos. Desses, 20 estavam positivos para o *Schistosoma mansoni*, sendo a maioria do sexo masculino (n = 13; Positividade (P) = 3,6%), entre a faixa etária de 37 a 52 (n = 10; P = 2,7%), casados (n = 14; P = 3,8%), com ensino fundamental incompleto (n = 14; P = 3,8%), que eram naturais da cidade (n = 17; P = 4,7%), tendo até um salário mínimo como renda familiar (n = 15; P = 4,1%) e que eram agricultores (n = 19; P = 5,2%). Sobre domicílio e peridomicílio, obteve-se maior positividade entre pessoas que utilizam água de poço e cacimba (n = 9; P = 2,5%), que consomem água sem nenhum tratamento (n = 9; P = 2,5%), com esgoto a céu aberto (n = 12; P = 3,3%), cujo lixo domiciliar é queimado (n = 12; P = 3,3%) e que moram em localidades sem ruas asfaltadas (n = 19; P = 5,2%). Referente às perguntas de fatores relacionados a atividades laborais e de lazer, a maioria dos participantes responderam “não” às perguntas feitas, entretanto, notamos que a positividade estava mais frequente entre esses pacientes. Todavia, para

**SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
07 a 10 de agosto de 2023**

a pergunta sobre participar de alguma atividade na lavoura, a maioria das respostas foram “sim” (n= 210), com positividade 3,8%. Também observamos a prevalência para outros helmintos, como *Ancylostoma* spp. (n = 23; P = 6,3%), *Ascaris lumbricoides*, *Enterobius vermicularis* e *Trichuris trichiura*, estes com uma taxa de prevalência de 0,5% cada. Além disso, encontramos dois pacientes apresentando caso de coinfeção entre *S. mansoni* e *Ancylostoma* spp. (P = 0,5%). Este estudo mostra um panorama da situação epidemiológica de quatro localidades do município de Feira Grande, AL, com a positividade e os fatores de risco mais frequentes em indivíduos infectados pelo *S. mansoni*. Além disso, indica a necessidade de manter a vigilância para o referido parasito em áreas de baixa transmissão e a implementação de estratégias específicas de acordo com as necessidades locais.

Palavras-chave: *Schistosoma mansoni*; Helmintos; Epidemiologia; Saúde pública.